



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

RAFAELA OLIVEIRA ABATH DE LACERDA

**O discurso acerca do feminino na educação infantil:
enfrentamentos e desafios**

BRASÍLIA

2019

RAFAELA OLIVEIRA ABATH DE LACERDA

**O discurso acerca do feminino na educação infantil:
enfrentamentos e desafios**

Trabalho final de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Brasília

2019

LACERDA, Rafaela Oliveira Abath de.

O discurso acerca do feminino na Educação Infantil:
Enfrentamentos e desafios. 2019. p. 46

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em
Pedagogia)- Universidade de Brasília, 2018. Rafaela Oliveira
Abath de Lacerda.

**O DISCURSO ACERCA DO FEMININO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS**

Trabalho final de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Defendida e aprovada em ____ de _____ 2019

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Orientadora)
Universidade de Brasília- Faculdade de Educação

Examinador 1
Maria Alexandra Militão Rodrigues

Examinador 2
Patrícia Lima Martins Pederiva

Brasília

2019

*Dedico este trabalho a todas as mulheres, em especial
minha mãe e à memória do meu querido e amado avô
Edizio Abath.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Mariza de Oliveira Abath, por sempre me apoiar, acreditar e incentivar as minhas capacidades, por ter sido o exemplo de mulher forte, independente e empoderada em quem me espelhei e por ter me dado oportunidades de trilhar os meus caminhos acadêmicos até aqui.

Agradeço também ao meu pai, John Sampaio de Moura Lacerda, e a toda a minha família que esteve ao meu lado por toda a vida, construindo o ser humano que me tornei hoje, me encorajando e auxiliando em todas as minhas decisões.

Em especial, agradeço ao meu avô, Edizio Figueiredo Abath, uma das minhas grandes inspirações de ser humano, integridade, honestidade e justiça, por ter estado ao meu lado nos momentos mais importantes da minha vida e ter auxiliado minha chegada até aqui.

Aos meus amigos, um grande agradecimento por todos os momentos divertidos: na escola, na faculdade e momentos bons e dolorosos que compartilhamos durante essa longa caminhada até hoje.

Agradeço à Universidade de Brasília por ter me fornecido grandes professoras e professores e palestras e aulas que me incentivaram a continuar perseguindo os meus sonhos na área da Educação e a continuar na carreira acadêmica.

Um agradecimento especial à professora Fatima Lucilia Vidal Rodrigues, por ter me acompanhado desde o meu segundo semestre na Universidade; por ter me apresentado uma nova visão sobre a educação e ao ofício de ser e ao ser professora, mesmo diante de tantas adversidades e dificuldades; por ter me apresentado projetos incríveis e por todo o apoio e amizade, que foram essenciais para alcançar a conclusão do meu curso de Pedagogia estando pronta para ministrar em sala de aula e com a bagagem acadêmica necessária para a continuidade neste caminho.

*“Raise your daughter to be a feminist, she
spends all her time waiting to be rescued
by men”*

The Handmaid's Tale

RESUMO

O presente estudo busca compreender e analisar o discurso do feminino na Educação Infantil, explicar a necessidade da igualdade entre os gêneros e a importância dessa etapa na desconstrução de estereótipos para a construção de uma sociedade que reconheça e viva a diferença, de maneira geral. O objetivo geral deste trabalho é buscar problematizar os discursos acerca do feminino, que são direcionados às meninas e aos meninos na educação infantil. Alguns dos teóricos que basearam as linhas de pensamento do presente trabalho foram Adela Turin (1995), Ana Colling (2004), Cecilia Sardenberg (1994), Claudia Vianna (2009) e Ana Alice Costa (1994). O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, com dinâmicas conversacionais com professoras e crianças, acompanhando a rotina na sala de aula de crianças de cinco a seis anos de idade, em uma escola privada, localizada no Distrito Federal, coletando discursos e frases para o enriquecimento da discussão. Percebemos que os estereótipos estão presentes de forma muito expressiva em nossa sociedade, trazidos cultural e historicamente, mas a sua desconstrução é possível e necessária. Concluimos que, no espaço da educação infantil, os estereótipos já estão presentes e devem ser abordados para que ocorra esse processo de desconstrução para que, com isso, possamos criar uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

Palavras-chave: Feminino; Educação infantil; Gênero.

ABSTRACT

The present study seeks to understand and analyze the image of the female in Early Childhood Education, explain the need for equality between genders and the importance of this stage in the deconstruction of stereotypes, for the growth of society, in general. The general objective of this work is to search the problematization of the speeches about the feminine that are directed to the girls and boys in the classroom. Some of the theorists who based the lines of thought of the present work were Adela Turin (1995), Ana Colling (2004), Cecilia Sardenberg (1994), Claudia Vianna (2009) and Ana Alice Costa (1994). The research was carried out through a qualitative research, with conversational dynamics with teachers and children, following the daily routine in the classroom of kids with five and six years old, in a private school, located in the Federal District, gathering speeches and phrases to enrich the discussion. We realize that stereotypes are present in a very expressive way in our society, brought culturally and historically, but the deconstruction is possible and necessary. We conclude that stereotypes in the area of early childhood education are already present and must be approached in order for this process of deconstruction to occur, so that we can create a more egalitarian and just society for all.

Keywords: Feminine; Early Childhood Education; Gender.

SUMÁRIO

PARTE I.....	11
MEMORIAL EDUCATIVO	12
1.1 Introdução.....	12
1.2 Formação básica	12
1.3 Curso superior	14
1.4 Escolha do tema: experiência de ensino e extensão	14
PARTE II.....	17
ENSAIO	18
INTRODUÇÃO.....	18
Capítulo 1. O feminino e a construção social dos estereótipos	20
1.1. A história e os estereótipos femininos.....	20
1.2. A luta pelo direito de ser o que se é.....	21
Capítulo 2. A importância da Educação Infantil na desconstrução e no impedimento das consolidações dos estereótipos femininos	26
2.1. Algumas pontuações acerca do histórico da Educação Infantil	26
2.2. A desconstrução de consolidações dos estereótipos femininos.....	29
Capítulo 3. Falas e discursos sobre o feminino na Educação Infantil	32
3.1 Metodologia.....	33
3.2. Dos discursos e dos estereótipos	34
3.2.1. “Meninas de vidro”	34
3.2.2. “Meninas princesas”	35
3.2.3. “Meninas alunas”	37
3.2.4. “Meninas mulheres”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
PARTE III	43
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	44
REFERÊNCIAS	45

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

1.1 Introdução

Em 1997, nascia uma menina que acreditaria por toda a sua vida que teria que fazer algo para mudar o mundo e, de certa forma, mudou instantaneamente a vida de uma pessoa que viria hoje, 21 anos depois, a ser a inspiração de seu trabalho de conclusão de curso. Quem era essa menina? Eu, Rafaela, filha de Mariza e John, cearenses, separados desde os meus nove meses, fui criada pela minha mãe e sempre rodeada de minhas tias e de meu avô Edizio.

1.2 Formação básica

A minha primeira escola e contato com o universo pedagógico foi em uma escolinha perto da minha casa, escolhida pela proximidade, já que minha mãe trabalhava fora. Lá, fiz minhas primeiras amizades, conheci minhas primeiras professoras e foi onde também comecei a me apaixonar pelo ensinar. Sempre fui muito falante e extrovertida, acreditava que essas características me faziam alguém especial e que, com o dom da oratória, poderia ajudar muitas pessoas ao longo da minha vida. Acontece que, na escola, essas características eram, na maior parte das vezes, vistas como algo negativo e que acabavam atrapalhando o rendimento da aula. Ao decorrer disso, o primeiro “tolhimento” à espontaneidade infantil.

Nessa mesma escola, conheci a professora Lídia, a qual tenho minhas melhores lembranças na educação infantil. Ela me cativou por ter um olhar diferenciado para o meu modo de aprender e desenvolver. Ela estimulou meu potencial criativo e me ajudou a compreender melhor minhas habilidades e qualidades, fazendo com que eu me sentisse igualmente capaz de realizar tudo o que criava em minha mente.

Ter tido a mãe que tive, que sempre me motivou e me mostrou que eu era capaz de qualquer coisa, essa atitude da minha professora, as mulheres que conheci e tive conhecimento ao ouvir suas histórias durante toda a minha vida foram os motivos pelos quais me inspirei a escrever este trabalho com o tema escolhido, por ter a vontade de que todas as meninas e mulheres se sintam da mesma forma que eu me senti: capaz.

Na segunda série (hoje, terceiro ano do Ensino Fundamental I), mudei de casa, pois, até então, morava na casa dos meus avós com a minha mãe. Mudei também de escola, para um tradicional colégio religioso/católico, onde fiquei até a quinta série (hoje sexto ano do Ensino Fundamental II). Nessa escola, tive a oportunidade de desenvolver bastante o meu lado social e a ter um olhar mais cuidadoso com o outro.

No entanto, foi um período em que desenvolvi muito o meu caráter, mas não na mesma proporção que o meu acadêmico. No sétimo ano do Ensino Fundamental II, mudei novamente de casa e passei a morar apenas com a minha mãe, mudando de escola também. Fui para uma escola preparatória para o colégio militar, pois era o sonho da minha mãe que eu alcançasse a aprovação, tanto pelo custo ser bem menor e o ensino, teoricamente, de qualidade superior.

Nessa escola, passei pelos meus momentos, academicamente, mais difíceis de toda a minha vida. Quando entrei em sala pela primeira vez, me deparei com crianças aprendendo conteúdos referentes ao Ensino Médio, com vocabulário rebuscado e com grande concentração e disciplina.

Já eu, vinha de uma escola religiosa, que não tinha como prioridade o ensino. Eu mal sabia multiplicar e dividir. De repente, me vi em uma imensidão de desespero. Já no primeiro semestre, não obtive nota suficiente em sete matérias. Quando esse momento chegou, me tornei uma criança triste e reclusa, que não tinha mais as mesmas vontades, considerando-me incapaz e com a autoestima extremamente baixa.

Foi quando minha mãe percebeu essa situação e, mais uma vez, como tudo o que passamos juntas, me ajudou a superar. Sempre me incentivava e acreditava na minha capacidade de vencer tudo, bastou ela acreditar para que eu pudesse fazer o mesmo. Ela me colocou em aulas de reforço, estudava comigo e deixava claro que eu iria vencer aquela batalha. Foi assim, também, quando eu quis aprender a andar de bicicleta e a nadar. Ela dizia que eu era determinada e iria conseguir, e assim foi.

Venci! No final do meu sétimo ano de Ensino Fundamental II, consegui ter sucesso no meu objetivo e avançar para mais uma fase. No oitavo ano, fui para um colégio tradicional e com a reputação de grau alto de dificuldade, com alguns colegas da escola anterior e que estão presentes na minha vida até hoje. Lá, permaneci até o meio do terceiro ano do Ensino Médio, quando ingressei na Universidade de Brasília (UnB).

Construí grande parte de todos os meus conhecimentos nessa escola. Aprendi muito e o que mais me tocou durante todos os meus anos lá foi um projeto onde aconteciam simulações de comitês importantes de todo o mundo.

No primeiro ano do Ensino Médio, participei da simulação da Câmara dos Deputados, momento no qual tive meu primeiro contato com a política e me apaixonei. Vi o quanto o conhecimento dessa área era importante para toda a minha vida, pois ter conhecimento político

nos permite ver além do que nos é apresentado. Enxerguei também como podemos fazer a diferença e mudar o mundo.

Nesse projeto, me engajei totalmente e experimentei uma imersão em um mundo de pensamentos críticos e democráticos. No segundo ano do Ensino Médio, decidi entrar novamente para esse projeto, mas dessa vez na simulação do Senado Federal. Obtive tanto êxito e sucesso com a minha performance que fui convidada para a simulação que reunia todas as escolas de Brasília. Com toda essa imersão nos meus dois primeiros anos do Ensino Médio, estava decidida a fazer Ciência Política, mas foi então que outro projeto mudou tudo.

1.3 Curso superior

Outro projeto dessa escola fazia ações sociais por todas as escolas do Distrito Federal e, nessas visitas, observei o papel do professor na vida daqueles que estavam inseridos no contexto. Em uma dessas visitas, conversei com uma professora que me explicou como o seu modo de trabalhar e de enxergar a vida havia feito com que ela mudasse a vida de muitas crianças que passavam por situações extremamente delicadas.

Desse dia em diante, acendeu uma luz em minha mente, mostrando-me que o caminho para mudar o mundo poderia estar muito mais perto do que eu imaginava. Foi então que descobri a Pedagogia, ou melhor, o “ser professora”, cidadã ativa que muda realmente o mundo todos os dias, compartilhando saberes e aprendendo sempre algo a mais para sua vida.

Em junho de 2014, no meio do terceiro ano do Ensino Médio, fiz o meu primeiro vestibular para a Universidade de Brasília. Passei e, em agosto do mesmo ano, iniciei minhas aulas, com cinco matérias que me deixaram ainda mais fascinada pelo curso. Nesse primeiro semestre, uma matéria realmente me marcou: Antropologia da Educação. Além das diversas leituras e discussões em sala de aula, tivemos uma saída de campo para o lixão da Estrutural, onde conheci pessoas e histórias únicas, que marcaram para sempre minha vida. Nessa visita, cresceu em mim mais ainda a vontade de fazer algo para melhorar a realidade de cada um de nós, especialmente daqueles que estão marginalizados e privados de todos os privilégios de alguns que vivem nessa sociedade tão injusta e desigual.

1.4 Escolha do tema: experiência de ensino e extensão

No meu segundo semestre, conheci dois projetos incríveis de extensão universitária! Eles deixaram a Universidade ainda mais cheia de possibilidades: o Projeto Semillero e o Projeto Autonomia. O Projeto Semillero abriu os meus olhos em relação à imensidão do mundo,

de que somos sementes capazes de mudar o todo e de que quando estamos reunidos fazemos muitas ações significativas acontecerem. Fez-me também conhecer pessoas que mudaram para sempre a minha vida, como a professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues, que foi uma pessoa que mudou o meu olhar sobre o ensinar: de que ele não precisa ser imposto, nem doloroso (como foi muitas vezes para mim), mas que, com carinho, dedicação e atenção com o outro, aprender qualquer coisa se torna um prazer.

Por esse motivo e por enxergar a professora Fátima como uma mulher independente e inteligente, a escolhi para me orientar no trabalho de conclusão de curso. Por acreditar que ela é capaz de me auxiliar a traduzir todo o meu sentimento pelo tema escolhido.

O tema que escolhi veio de um sentimento antigo, que carrego comigo desde criança. Como disse, fui criada pela minha mãe, uma mulher também independente, empoderada, forte, altruísta, amorosa e batalhadora, que sempre me ensinou o poder que carregamos, que somos fortes sozinhas e que, com determinação, podemos chegar em qualquer lugar, lutando sempre ao meu lado e me ensinando a lutar sozinha.

Durante toda a minha vida, vi minha mãe lutar todos os dias pela minha educação. Ela sempre dizia que não podia me dar tudo em bens materiais, mas que o estudo era tudo o que ela poderia me dar para que eu mesma os conquistasse adiante. Minha mãe enfrentou todos os momentos de dificuldade de sua vida com uma característica que me fez admirá-la ainda mais: o sorriso no rosto e a alegria de viver, de quem, apesar de tudo, sabia que era capaz e que tinha forças suficientes para superar qualquer coisa.

Uma grande figura paterna veio de Edizio, meu avô, que sempre fez um pedaço do papel de pai para mim, juntamente com meu pai, John, um homem também muito honesto e batalhador. Meu avô era um advogado de família que trabalhou com muitas mulheres vítimas da desigualdade da sociedade machista em que vivemos e sempre orientou suas seis filhas a estudarem e serem independentes para que “não dependessem de homens”, palavras dele, há cinquenta anos atrás.

Sempre foi um homem correto, íntegro, honesto e justo. Ensinou-me que as mulheres merecem, sim, ser respeitadas em todos os momentos e situações, e, sobretudo, da importância de se lutar pela igualdade. Além disso, sempre acreditou, apoiou, incentivou e teve orgulho de tudo em minha vida. Até em seu leito de morte, demonstrou seu orgulho por mim ao emocionarse quando revelei a ele que sua pessoa e relevância em minha vida figuravam em meu trabalho final da Universidade, em forma de gratidão, amor e admiração.

Crescer com esse modelo de mãe, de mulher e de homem me fez ver que as realidades impostas pelo modelo de sociedade em que vivemos não são corretas e que podem, sim, ser mudadas.

Posteriormente, diante do infeliz assassinato da Vereadora Marielle Franco, tivemos um debate na Faculdade de Educação que me fez ter a certeza de que gostaria de falar sobre o empoderamento das meninas na Educação Infantil e investigar a raiz dos problemas que carregamos há tantos anos e deixamos passar tão despercebido. Esses problemas estão apenas esperando alguém para solucioná-los, mostrando que todas nós somos capazes de tudo e que devemos ser tratadas com respeito, dignidade e igualdade, acima de tudo.

Por isso, decidi conectar minhas experiências de vida com esse sentimento e com a realidade em que vivo. Trabalho em uma escola de Educação Infantil e estou inserida todos os dias no cotidiano de meninas que, no início de suas vidas, já escutam frases negativas e inibidoras de suas potencialidades, fazendo com que muitas acreditem que são incapazes e menores em suas habilidades.

Por conseguinte, quero, com esse trabalho e com a minha vida, ajudar e fazer com que cada mulher enxergue que todas somos detentoras de nossas escolhas e destinos.

PARTE II

ENSAIO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa em torno do discurso acerca do feminino na Educação Infantil, as representações trazidas pelo tempo e suas repercussões até o presente, incluindo o contexto da sala de aula de uma escola acompanhada pela autora a partir de uma observação participante. Foca-se nos discursos apresentados por crianças, acompanhadas diariamente no ambiente escolar, por docentes, professoras da etapa e mulheres que compartilham suas vivências pedagógicas e escuta diária.

A pesquisa foi realizada em sua totalidade em uma escola localizada no Distrito Federal, que atende a oitocentos e sessenta alunas e alunos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, mas focada apenas na Educação Infantil, desenvolvida no Jardim II, com crianças de cinco e seis anos.

A temática aborda a necessidade de falar sobre a forma como tratamos as meninas na nossa sociedade, assunto que é tão invisibilizado, não só por respeito às meninas, mas a todas as mulheres que recebem tratamentos diferenciados pelo simples fato de serem mulheres. É necessário discutir esse assunto na Educação Infantil, para que possamos atingir e conscientizar as crianças de hoje e construir chances para um futuro diferente. Salientamos também que essa temática ganha uma importância singular em função de assistirmos um movimento que separa feminino de direito feminista e reconhecimento de direitos, quando não aproxima o feminismo de práticas nazistas.

A partir dessa temática, minha questão de pesquisa pode ser sintetizada na seguinte pergunta: como os estereótipos acerca do feminino são direcionados, via discurso, às meninas na Educação Infantil? É importante mencionar que essa pesquisa não pretende responder à questão que inicia o presente estudo, mas sim iniciarmos uma série de reflexões sobre o assunto, para movimentarmos pensamentos acerca dele, importância para que alcancemos cada vez mais a igualdade de gênero.

O objetivo geral deste trabalho busca problematizar os discursos acerca do feminino, que são direcionados às meninas e meninos na Educação Infantil, e os objetivos específicos que também surgem dessas questões e se propõem a analisar as falas e discursos das crianças na Educação Infantil e averiguar as compreensões em torno da temática.

Diretamente ligadas à temática discutida, podemos citar algumas questões responsáveis pela organização da trilha investigativa deste trabalho, quais sejam:

Como se deu a construção social dos estereótipos femininos?

Será que, na Educação Infantil, percebemos a presença de estereótipos femininos? Como a Educação Infantil pode desconstruir e/ou impedir a construção dos estereótipos femininos?

Como os discursos estereotipados se apresentam no dia a dia das crianças pequenas? Qual é a história da Educação Infantil?

Os objetivos específicos desse trabalho são observar, à luz das teorias, como os estereótipos femininos foram construídos em nossa cultura; observar como a Educação Infantil pode ajudar na desconstrução e impedimento desses estereótipos; e perceber como os discursos sobre a figura feminina são apresentados na Educação Infantil pelas crianças e professoras.

Tais perguntas guiaram o trabalho para que possamos ter uma visão da magnitude dos estereótipos na nossa sociedade, principalmente na Educação Infantil, e o papel que essa etapa tem na desconstrução infantil, assim como esses discursos afetam o cotidiano das crianças em sala de aula.

A metodologia segue uma abordagem qualitativa, utilizando procedimentos como a observação participante, coleta de frases em dinâmicas conversacionais (Fernando Gonzales Rey, 2005) com crianças, especialmente meninas e professoras.

O Ensaio será dividido em três capítulos: o primeiro, “O feminino e a construção social dos estereótipos”, que busca discutir as origens desses e a forma de representação da mulher na sociedade; o segundo, “A importância da Educação Infantil na desconstrução e no impedimento das consolidações dos estereótipos femininos”, em que vamos discutir como essa etapa influencia nesse movimento social; e o terceiro, “Falas e discursos sobre as meninas na Educação Infantil”, em que analisaremos como esses discursos estão presentes no cotidiano da sala de aula.

Capítulo 1. O feminino e a construção social dos estereótipos

Os estereótipos são modelos que se tornam padrões, formas de agir e pensar que não são originais. Eles são construídos de forma histórica, cultural e social por meio de padrões repetitivos que ocorrem diariamente, observados em um tempo e local específicos e adotados como generalizações, perpetuando, dentro da sociedade, lugares de desigualdade às mulheres.

Porém, a cada novo ser humano que passa a existir no Planeta, esses estereótipos já deveriam ser considerados obsoletos, pois cada um carrega, em si, as suas individualidades e tem o seu jeito único de ser, agir e pensar. De acordo com o dicionário Michaelis, a etimologia da palavra estereótipo se apresenta como:

Um padrão formado de ideias preconcebidas, resultado da falta de conhecimento geral sobre determinado assunto. Imagem, ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento. (MICHAELIS, 2019)

Esse fenômeno existe há milhares de anos e em todas as sociedades, sendo manifestados de diversas maneiras. Diniz (2000, p.140) traz a ideia de que os estereótipos são uma das “mais antigas manifestações em nossa cultura”, presentes nos mais diversos contextos, até mesmo em “canções da idade média”. Ou seja, esses contextos estão presentes no cotidiano social desde os primórdios, reeditando-se até hoje.

1.1. A história e os estereótipos femininos

As mulheres, por sua vez, também têm diversos estereótipos em torno de suas imagens, que as prendem em uma redoma de expectativas culturais e sociais, em que os papéis designados a elas são ligados às características ditas “femininas”, apresentando qualidades, como a paciência, a delicadeza e o cuidado, como inatas.

Elas são ensinadas, desde criança, que devem ter tais características de forma natural e seguir certos caminhos. Quando desviadas dessas características e caminhos, não são vistas como mulheres “dignas” e/ou tem essas escolhas associadas a algum “desvio” em sua orientação sexual, colocadas em uma posição na qual são “menos femininas” que as outras que seguem esses estereótipos. Como afirma Turin (1995, p.50): *“La espera está ligada a la paciencia, cualidad femenina por excelencia: se les enseña a las niñas que no sirve de nada rebelarse, que la vida (la de las mujeres) es así.”* Como verdades fixas, ensinadas de forma quase hereditária, as meninas seguem aprendendo como ser pelo discurso do outro.

A imagem da mulher, apresentada como a de um ser frágil, inocente e submisso, faz com que qualquer uma que saia desse modelo seja subjugada por aqueles que determinam as

construções sociais patriarcais da sociedade em que estamos inseridos. Dessa forma, é possível perceber que essas construções geram julgamentos entre as próprias mulheres, fazendo com que mulheres tratem umas as outras de maneira inferior e diferenciada.

Por um lado, aprendemos, desde cedo, que meninas devem ser cuidadosas e sensíveis e que devem se preocupar com o próximo, deixando sempre suas vontades de lado, afinal, todas devem ter esse instinto maternal e bondoso desde que nasceram. E, por outro lado, os meninos são criados para serem livres e independentes, criadores de suas próprias aventuras e experiências, sendo sempre os heróis dos filmes e livros e os próprios escritores de suas vidas.

Os homens têm também outros estereótipos a serem seguidos, criados para serem apáticos, sem sentimentos e sem delicadeza, não se permitindo, muitas vezes, enxergar a vida de forma emocional, sempre utilizando a forma racional e com a função de exercer grandes papéis na sociedade. Turin (1995) mostra os reflexos de tais estereótipos:

Los libros ilustrados, que son un soporte esencial en las clases de preescolar, forman parte de la máquina: les enseñan a los niños que los chicos, naturalmente activos y dinámicos, tienen un valor y una importancia mayor que las niñas que nacen pasivas, limpias y ordenadas, tranquilas, emotivas, soñadoras, amables, dóciles. Les cuentan que los hombres adultos son responsables, creativos, a menudo heroicos, leales y capaces de la amistad y del desinterés.” (TURIN, 1995, p.7- 8)

Todas essas características atribuídas aos homens também são problemáticas para a desconstrução dos estereótipos femininos, pois eles, por se encontrarem nesses papéis, muitas vezes não acreditam que têm o dever de exercitar a empatia em relação às mulheres.

1.2. A luta pelo direito de ser o que se é

Na história, os homens sempre assumiram um papel de enorme protagonismo, não só por estarem em posições de destaque, mas pelo fato de que eles eram os encarregados de fazer os registros dos acontecimentos. E, apesar de sempre caminharem ao lado de mulheres (que tinham suas parcelas em muitos feitos), eram eles que recebiam os créditos pelo todo, deixando as mulheres de lado pelo simples fato de serem do sexo feminino. Colling (2004) explica esse histórico:

A história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres desenvolveu-se à sua margem. (COLLING, 2004, p.13)

Colling (2004) traz a ideia de que os responsáveis por esses registros faziam questão de invisibilizar as mulheres e, nessa construção, criaram a hierarquia de que os sexos têm “valores diferentes; o masculino sempre aparecendo superior ao feminino”. Esses registros ficaram

registrados de tal forma que, atualmente, assimilamos o nome do ser humano ao nome de “Homem”.

Entretanto, no século XIX, com a Revolução Industrial, segundo Sardenberg e Costa (1994), a necessidade de mão de obra nas fábricas fez com que até mesmo o serviço das mulheres, que antes pertenciam apenas ao lar, fosse requisitado, e aquelas que possuíam o trabalho pedido, apenas pela necessidade do sistema, foram inseridas no mercado de trabalho.

Neste ambiente, segundo Canazart e Souza (2017), a mulher passou a ter mais uma figura: além do marido a quem teria que responder, os “interesses capitalistas” também as subjugarão, e, nesse mesmo contexto, a burguesia da época estabeleceu salários inferiores às mulheres, se aproveitando dessa condição social, uma vez que elas estavam visando um maior lucro para as produções. Infelizmente, assim como antigamente, ainda encontramos mulheres recebendo salários inferiores aos homens.

O ponto positivo desse momento histórico foi o fato de que, pela primeira vez, apesar de todas as dificuldades e da intencionalidade mercenária do sistema da época, a inserção das mulheres no mercado de trabalho deu a elas a oportunidade de estarem em um novo contexto e de finalmente serem trazidas para o contexto histórico, mesmo que, ainda, de forma muito secundária.

Nesse contexto, entretanto, elas enfrentavam diversos problemas, como aqueles já citados anteriormente, mas principalmente o problema de serem subjugaradas por mais uma figura, além de seus maridos: os “interesses capitalistas”, descrito por Canazart e Souza (2017). Esse subjugaramento também foi enfrentado pela maior parte da população, incluindo crianças, que exerciam trabalhos fabris à época e estavam expostas às péssimas condições de trabalho.

Porém, após a luta de grandes movimentos, essa qualidade de trabalho e modo de vida despertaram, mais tarde, nas mulheres, a vontade de mudar, visando essas melhoras e, principalmente, a valorização da mulher, como, por exemplo, a Marcha das Mulheres do Mercado, em 1789, e a Luta das Trabalhadoras Fabris, em 1857, em Nova York. Dessa forma, a sociedade foi obrigada a começar a mudar a sua visão meramente simplista das mulheres e começar a enxergá-las como seres de força e de voz ativa.

Graças ao sacrifício de muitas mulheres, esse caminho de desassociar de tais características estereotipadas designadas às mulheres e do pensamento de que nós pertencemos a um lugar pré-determinado na sociedade foi e está sendo avançado. Sendo assim, depois de um longo processo e caminho, tornando possível inseri-las nos mais diversos contextos, os quais, antigamente, eram de exclusividade masculina, como trazem Canazart e Souza:

Buscando mudar a situação em que viviam, as mulheres iniciaram movimentos como a Marcha das Mulheres do Mercado em 1789, a Luta das Trabalhadoras Fabris em 1857 em Nova York, o movimento hippie, e diversos outros, que tinham como objetivo a luta pela igualdade de gêneros, visando ampliar o espaço para a atuação da mulher na sociedade. (CANAZART e SOUZA, 2017, p.9)

Segundo Canazart e Souza (2017), essas lutas buscavam verdadeiramente a igualdade de gênero, em que a sua definição de qualidade não viesse através do seu sexo, mas sim de suas capacidades. Foi, então, que a mulher do século XXI conseguiu avançar e se libertar. Mas, apesar de já termos avançado muito, ainda temos um longo caminho para ocorrer a mudança da mentalidade geral previamente instaurada.

O caminho que essas mulheres percorreram até a chegada dos tempos de hoje, em que uma mulher pode estar inserida na grande maioria dos contextos, foi um caminho de muita luta e sacrifício. Mesmo assim, os resquícios de uma sociedade, que instaurou tais diferenciações, ainda pairam atualmente.

Essas construções sociais (de que a mulher é inferior ao homem, como já dito) vêm sendo perpetuadas a cada ano da existência do ser humano, por meio de formalidades, de convenções sociais, de histórias infantis que vitimizam e menosprezam as mulheres e por outros fatores que contribuem para essa desigualdade. Sendo assim, definem Canazart e Souza:

No início do século XVIII a vida da mulher era marcada por aspectos que a configurava como um ser submisso. Os padrões comportamentais eram estabelecidos pela sociedade, onde homem e mulher exerciam papéis sociais bem definidos. (CANAZART e SOUZA, 2017, p.8)

Inúmeros anos vivendo nessas conformidades em que os homens comandavam os cargos de alto escalão da sociedade e controlavam os maiores meios de formação de pensamentos, trouxeram-nos aos dias atuais, em que a mulher, mesmo presente nos mais diversos contextos sociais, ainda sofre com a existência da naturalização de que as meninas e mulheres devem ser tratadas de forma diferente e que pertencem a determinadas posições, e, quando não se encaixam nelas, podem ser menosprezadas. Esse fenômeno pode ser explicado no trecho do *site* “Educabra”:

Socialização diferenciada significa que, em geral, meninos são mais privilegiados do que meninas. Por exemplo, é dado mais autonomia e independência a meninos do que a meninas. Há menos restrições sobre como um menino precisa se vestir. Geralmente, os pais permitem que meninos voltem mais tarde para casa do que as meninas. Além disso, os pais geralmente exigem menos ajuda de seus filhos homens nas tarefas de casa: cozinhar e limpar o chão são consideradas atividades femininas. Ao mesmo tempo, a maioria das famílias espera que suas filhas ajam de acordo com as expectativas da sociedade: que sejam passivas, atenciosas e obedientes e boas donas de casa.” (EDUCABRA, 2018, p.1)

Essa construção existente e trazida até hoje foi possível, também, pelo fato de que as próprias famílias encorajam certos comportamentos diferenciados para determinado sexo e

deixam de lado, muitas vezes, as individualidades de cada um para atender às expectativas sociais, impondo a cada criança, desde sempre, certa forma de agir e pensar.

Desde o momento em que nascemos e estamos inseridos em determinada sociedade, crescemos em meio aos seus valores e costumes, que são diferentes em cada uma delas. A partir disso, é determinado o papel da menina e do menino, desde a infância, criando sobre eles expectativas e comportamentos desejados. Sendo assim, somos habituados dentro de casa, a partir dos anos iniciais, com os conformismos desses papéis predefinidos de acordo com o gênero e a classe social.

A sociedade, por sua vez, tem interesse que continuemos a agir dessa forma, para que aqueles que estão em posição de destaque, poder e privilégio se mantenham nesses lugares e que esses lugares não sejam abertos a mais ninguém, a não ser aqueles que já estão incumbidos de assumi-las.

Vê-se, então, que existe um ciclo vicioso que impulsiona a perpetuação desses caminhos e signos, pois a sociedade está acostumada e familiarizada com essa ideia, uma vez que existem papéis a serem cumpridos. Muitas vezes agimos, também, de forma tendenciosa com os outros a nosso redor e permitimos a continuidade desse ciclo. Dessa maneira, Vianna e Finco trazem a forma como se constitui essa construção:

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim, compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e, conseqüentemente, imutáveis. Implica perceber que esse modo único e difundido de compreensão é reforçado pelas explicações oriundas das ciências biológicas e também pelas instituições sociais, como a família e a escola, que omitem o processo de construção dessas preferências, sempre passíveis de transformações. (VIANNA E FINCO, 2009, p. 270)

Meninas e meninos se encontram dentro de um modelo de sociedade, que coloca, sobre eles, expectativas que, quando não cumpridas, geram reações agressivas e causam estranheza, pois as construções sociais atuais não querem correr o risco de serem mudadas. A partir do momento que falamos para uma menina que ela não é capaz de fazer uma ou outra atividade, pelo simples fato de ser uma menina, estamos contribuindo para a manutenção das formas de pensar e agir preconceituosas e tendenciosas de toda uma sociedade.

Felizmente, esse sistema patriarcal, instaurado há tanto tempo, vem sofrendo mutações ao longo dos anos. As mulheres ficaram, durante um longo período de tempo, sem possuir o direito de ir à escola, votar ou de escolher seu próprio parceiro (ou parceira), submetidas mais às vontades do outro do que às suas próprias. Barreto explica esse sistema:

PATRIARCALISMO pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar,

permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura.” (BARRETO, 2004, p.1)

Termos conquistado tantas vitórias não nos impede de enxergar que ainda temos muitos problemas e limitações a serem vencidos, especialmente em sala de aula, onde lidamos com as construções sociais trazidas por cada estudante, que vêm preenchidas de pensamentos distintos.

Sendo assim, a igualdade de gênero deveria ser uma luta de todos aqueles que concordam com uma sociedade justa e democrática, pois ninguém deveria ter de enfrentar dificuldades e privações pelo simples fato de ter nascido com um determinado sexo ou por viver sua orientação sexual e identidade de gênero.

Capítulo 2. A importância da Educação Infantil na desconstrução e no impedimento das consolidações dos estereótipos femininos

2.1. Algumas pontuações acerca do histórico da Educação Infantil

À época da Revolução Industrial, quando as mulheres se inseriram nas fábricas, surgiu a necessidade de criar ambientes nos quais elas pudessem deixar seus filhos para obterem cuidados enquanto elas trabalhavam. Esses lugares tinham a função, basicamente, de cuidar da criança, alimentando-a e auxiliando-a em suas funções básicas. Os grupos com maior poder aquisitivo inseriam seus filhos em outro tipo de ambiente, que tinha um caráter educativo e não só de “...viés assistencialista, caritativo e se ocupavam predominantemente do cuidado físico, da saúde e da alimentação, as do segundo tinham um explícito propósito educacional.” (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.18).

Por muito tempo e em muitos lugares do mundo, essa imagem assistencialista era predominantemente associada à Educação Infantil, pois estava ligada ao cuidado materno. Segundo Kuhlmann (2000), um lugar onde as crianças passariam o dia, para que os pais pudessem trabalhar, e receberiam os cuidados básicos, sendo a parte educacional não tão relevante.

O propósito inicial desse ambiente era propiciar as crianças o cuidado materno (Kuhlmann, 2000), do qual elas foram “privadas” por um certo período do dia, pelo fato da inserção da mulher nesse novo contexto, pois naquela época o papel de cuidar dos filhos e da casa ainda era realizado pelas mulheres.

Ainda nesse contexto, as crianças da classe trabalhadora encontraram-se com a necessidade de estarem inseridas em tais ambientes, que surgem de formas distintas, dependendo da classe social em que as crianças poderiam estar inseridas.

Com a necessidade do surgimento desse novo ambiente, e uma vez que o propósito educacional não era de tanta importância, esses locais surgiram de formas “precárias” e, para a execução das funções, as mulheres foram selecionadas, especialmente, porque não precisariam de qualquer formação, associando, mais uma vez, essa fase ao cuidado materno, “mesmo que em geral, ao longo da história, as mulheres que atuassem diretamente com as crianças nas creches não tivessem qualificação [...]” (KUHLMANN, 2000, p.13).

Em 1882, Rui Barbosa traz o discurso de que a criança com idade entre 2 e 6 anos deve se focar apenas em desenvolver suas funções motoras e físicas, e que as inserções de propostas

didáticas não são convenientes para essa faixa etária, tendo o Ministério da Educação (2013) reforçando ainda mais a ideia do caráter de assistencialismo na Educação Infantil.

No Brasil, o surgimento da Educação Infantil caminhou juntamente com esse aspecto por muito tempo. Em 1920, segundo Kuhlmann Jr (2000), surgiram as Escolas Maternais, no estado de São Paulo, com o intuito de atender aos filhos dos trabalhadores e operários da época.

Em 1967, surgiu o Plano de Assistência ao Pré-Escolar, do Departamento Nacional da Criança, elaborado pelo Ministério da Saúde, que era o designado da época para cuidar dessa etapa da educação (as chamadas creches, jardins de infância e escolas maternais). Porém, esse plano veio de forma emergencial e não foram realizadas muitas mudanças com ele, segundo Kuhlmann (2000).

Vemos, então, que a Educação Infantil, no Brasil, surgiu atrelada ao Ministério da Saúde em seus primórdios, pois, para o Estado, a principal função dessa etapa da educação era, mais uma vez, dar assistência aqueles que necessitavam. Somente após muitos anos, o Ministério da Educação tomou à frente dessa etapa.

Essa fase assistencialista, porém, perdurou por um longo período, contou com o auxílio de diversos pensadores e estudiosos para que esse caráter fosse minimamente alterado ao longo de muitos anos, para que conseguíssemos o que temos hoje. De lá para cá, o que ocorreu foi que, a cada ano, se percebia a necessidade de mudança e crescimento nessa área, que, por muito tempo, foi muito subestimada, de acordo com o Ministério da Educação (2013).

Com o passar dos anos, foi-se enxergando a necessidade de fundir esses dois caminhos, para que, independentemente da camada social em que a criança está inserida, ela tem o direito a ambos: cuidado e educação de qualidade.

O capítulo mais recente da história da educação infantil narra a aproximação desses dois caminhos até formar, em alguns países, apenas uma via: a educação e o cuidado na primeira infância a partir do nascimento como competência do setor de educação, e constitutivo da educação básica, como direito universal da criança e dever do Estado. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.18)

Nesse momento, enxergamos que a criança tem inúmeras competências a serem exploradas e que limitá-las ao assistencialismo e ao cuidado, que é necessário nessa faixa etária, não é o suficiente para abranger todas as suas capacidades e necessidades.

A Educação Infantil, como é conhecida hoje, é algo relativamente novo na história da Educação Brasileira, uma vez que, há alguns anos, não existia a obrigatoriedade do Estado Brasileiro em oferecer essa etapa às crianças e nem a obrigatoriedade do ensino para crianças essa faixa etária, até a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que veio regulamentar os direitos de cada criança no seguinte artigo:

[...] Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: 274I – educação básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; 275II – progressiva universalização do ensino médio gratuito; [...] 276IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até cinco anos de idade; [...] (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2014, p.106)

Pelo fato de ainda estarmos em processo de adaptação desse segmento educacional, que é relativamente novo em nosso País, o seu funcionamento ainda é um grande desafio que enfrentamos.

Vivenciamos, diariamente, muitas dificuldades na construção de uma Educação Infantil que priorize a centralidade de todas as crianças em sua efetivação, pois, para que possamos alcançar um resultado satisfatório, precisamos aprender a conciliar esses dois pilares: o do cuidado necessário para cada faixa etária e o de uma educação comprometida com todas as infâncias.

O que acontece, na realidade das escolas brasileiras, é que ainda não conseguimos passar por cima do caráter assistencialista, sendo o mais comum em sala de aula, pois, com a falta de investimento nessa fase da educação, encontramos escolas em que as turmas não comportam a quantidade de crianças e, portanto, as funções da escola não são realizadas de forma eficiente. Como traz Kuhlmann (2000, p.7), “a incorporação das creches aos sistemas educacionais não necessariamente tem proporcionado a superação da concepção educacional assistencialista.”

Outro desafio que enfrentamos é a falta de importância dada para essa etapa, o que ocasiona em mais um obstáculo, que, apesar dos avanços, ocorre muitas vezes na forma de agir, já que ainda temos a desvalorização do profissional que atua na área.

Vê-se, então, que o fenômeno que ocorreu à época da Revolução Industrial, no início da criação do que viria a ser essa etapa, de associação da mulher à Educação Infantil, por possuir esse caráter assistencialista que se confunde com a necessidade do cuidado materno, faz com que muitos ainda acreditem que as pessoas que trabalham na área da Educação Infantil devem ter essa característica de forma inata e que uma formação não é de estreita necessidade, segundo Kuhlmann (2000), pois encontramos, muitas vezes, pessoas sem qualquer formação atuando em escolas.

Em meio a todos esses desafios e dificuldades a Educação Infantil, ao contrário do que muitos acreditam, é uma fase de extrema importância na formação de cada ser humano. Essa importância pode ser fundamental para o trabalho basilar de compreensão de si e do outro na escola para crianças pequenas.

2.2. A desconstrução de consolidações dos estereótipos femininos

A Educação Infantil é o primeiro espaço de contato com a escolarização, com o estudo e com outras crianças da mesma idade dos estudantes, sendo um dos primeiros ambientes, fora de suas casas, onde elas adquirem conhecimentos e constituem grande parte de seu caráter. Por isso, as escolas devem seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil para garantir que todas as crianças tenham seus direitos assegurados e tratamento igualitário, levando em consideração as especificidades e ajudando-as a compreender o mundo de forma solidária e respeitosa, a começar por elas, sendo respeitadas dentro do ambiente escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Para as Educações Infantis têm princípios éticos, políticos e estéticos:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p.16)

Tais diretrizes vêm com o intuito de guiar as professoras e professores para que tenhamos uma educação cada vez mais democrática e que as individualidades possam ser valorizadas e, principalmente, respeitadas, não só em sala de aula, mas em todos os lugares da sociedade. Muitas vezes, encontramos professoras, professores e crianças que trazem consigo construções sociais tão marcantes, que acabam oprimindo ou impondo aos outros suas ideias e valores, ignorando as especificidades de cada um, uma vez que um ser humano não é construído apenas de fatores externos, mas daquilo que carregam consigo na sua maneira única de ser, agir e pensar.

A criança, nessa fase, está construindo seus primeiros saberes e vivenciando suas primeiras experiências sociais, culturais, históricas e individuais. A criança está, também, buscando novos aprendizados e unir aquilo que ela já traz dentro de si com novas histórias, cotidianos e aprendizados, e é nesse momento que ela começa a formar a sua “identidade pessoal e coletiva” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2010, p.12). Por isso, é importante ter profissionais comprometidos com a formação de sujeitos respeitosos, comprometidos e compreensivos.

Por si só, a criança já traz, dentro de si, inúmeras respostas e conhecimentos, adquiridos de forma única, de acordo com as diversas vivências que cada uma vivenciou de uma forma muito singular, seja no lugar onde mora, dentro da realidade familiar, na vivência religiosa e outros diversos fatores que contribuem para a formação de sua identidade.

Portanto, é nesse momento em que as crianças começam a observar, dentro da escola, as construções sociais que giram em torno de cada coisa, como, por exemplo, o gênero, pois, até então, o seu maior contato com esse assunto e sobre como cada um, de acordo com o seu gênero, a sua forma de agir e de se enxergar, acontecia somente no ambiente familiar, Vianna e Finco trazem essa ideia de como pode funcionar a experiência das crianças na Educação Infantil:

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. (VIANNA E FINCO, 2008, p.272)

Cada criança traz, de sua própria casa, expectativas e estereótipos que já são habituais em seus contextos fora da escola, construídos diariamente em sua educação familiar. Por esse motivo, vem a necessidade de termos um olhar atento para cada atividade, material e fala colocados em sala de aula, pois, como nessa idade o caráter ainda está em formação e a maior parte das crianças ainda não sabem ler, as imagens e falas das professoras e colegas são fatores que podem influenciar de forma determinante.

Muitas vezes, subestimamos os efeitos de atitudes simples e cotidianas na vida de cada ser humano, como nossas respostas às suas perguntas, os questionamentos que levamos para a sala de aula e livros didáticos, de leitura e posicionamentos, pois, nessa fase em que a construção socioemocional ainda está em processo de desenvolvimento, essas representações são ainda mais impactantes em cada criança, que tendem a instaurar o que aprendem na infância dentro de si mesmas para toda uma vida, como mostra Turin, nesse trecho sobre a importância dos aspectos físicos e visuais:

No sabiendo aún leer, el niño pequeño interroga interminablemente las ilustraciones de vos libros y aprende muy pronto a descifrarlas. Observándolas con la misma atención es posible catalogar el aparato simbólico del que se sirven los libros para instruir a los niños acerca de los papeles sexuales en la familia y en la sociedad y acerca de las características psicológicas (que se les presentan como innatas y naturales) de los hombres y de las mujeres, de los niños y de las niñas” (TURIN, 1995, p.11)

Assim como a autora Turin traz nesse trecho, é possível observar o quão estereotipados alguns livros e histórias infantis podem ser. Apesar das crianças pequenas ainda não terem a habilidade da leitura, elas conseguem assimilar e interpretar cada imagem e atitude em sala de aula, interiorizando cada um desses eventos e tornando-se, mais tarde, cidadãos que respeitam, ou não, as diferenças no mundo, de acordo com a forma que essas lhe foram apresentadas.

Nesse momento, os estereótipos femininos, na Educação Infantil, se apresentam mais uma vez, pois, muitas vezes, sem intencionalidade, muitas crianças e professoras já trazerem, em seus discursos e em histórias infantis, essa figura feminina, como a mais frágil, a mais delicada, a incapaz, a personagem secundária, que sempre precisa da figura masculina, e, com essa simples “historinha”, instaura-se ou reforça-se mais um estereótipo. Turin traz essa reflexão:

Los personajes femeninos, rara vez activos y/o positivos, son, ante todo, minoritarios de forma llamativa en los libros ilustrados, tanto en los títulos como en los papeles principales y en las imágenes. En una abrumadora mayoría, las historias tienen como protagonistas a hombre, niños y animales machos, solos o en grupo, mientras las mujeres y las niñas desempeñan papeles estereotipados o sin importancia, a menudo anónimos. (TURIN, 1995, p.9)

A autora traz a reflexão do profissional que trabalha nessa etapa, pois as histórias, a forma de se posicionar, falar e agir em sala valorizam, ou não, pessoas de grupos específicos, que refletirão nas atitudes das crianças de cada sala de aula. É preciso evitar, pela via de uma educação comprometida com a diversidade, qualquer preconceito e ação misógina que provoque, naqueles que são diferentes, o grande desconforto do não pertencimento ou da imposição de atitudes que inferiorizam. Cada criança tem, consigo, os seus valores próprios e pensamentos, construídos em conjunto em suas casas e baseados nas construções sociais atuais, trazendo ideias e formas de agir e pensar diferentes, porém com as mesmas ideias de quais papéis podem ou não ser executados por meninos e meninas, para que cada um seja valorizado, como traz a autora Turin:

[...]niñas y niños se ven alentados de mil formas a aceptar la valoración que la sociedad establece sobre las características psicológicas y sobre los comportamientos que se les presentan como “típicos” y “naturales” de uno y otro sexo.” (TURIN, 1995, p.7)

Muitas crianças têm em mente que existem comportamentos físicos e psicológicos que já são esperados de acordo com o seu gênero, e, ao caminhar dessa estrada educacional, familiar e social, são moldados a pensarem que existem coisas, sentimentos e lugares exclusivos para um e outro. Ou seja, conseguem, dessa forma, limitar cada um a espaços previamente impostos pela sociedade.

Nesse momento, em sala de aula, quando presenciamos algum discurso ou história que desvalorizam qualquer ser humano que seja, é o momento em que o profissional deve intervir, para que, com o esclarecimento, possamos modificar tais estereótipos.

Os estereótipos são construídos de forma muito gradual. Diariamente, consolidamos um hábito para que ele se torne um padrão a ser seguido e, nessa fase de formação, é imprescindível que possamos eliminar a maior parte desses hábitos. Dessa forma, no futuro, teremos, cada vez

mais, pessoas conscientes de que existem as diferenças e que essas devem ser reconhecidas e valorizadas da mesma forma.

Uma vez que os estereótipos femininos vêm de muito tempo, é necessária uma mudança na mentalidade da sociedade, e, na Educação Infantil, se torna ainda mais imprescindível essa reflexão, exatamente por ser a fase de construção de cada ser humano, em que é mais fácil que esses indivíduos sejam moldados para o bem, e não para a perpetuação de tais estereótipos, que tratam do ser de cada um de maneira muito simplista, reduzindo o ser humano apenas às suas características biológicas, mesmo que se tenha muito mais que isso, assim como traz Vianna e Finco:

As preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas. Portanto, não é mais possível compreender as diferenças entre meninas e meninos com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e seu uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna. (VIANNA E FINCO, 2009. p.269)

Portanto, essa fase da sua construção de identidade exige cautela sobre todos os assuntos e ações dos que estão à volta de crianças, pois, muito mais do que com palavras, as crianças aprendem por atitudes, e é nessa fase que se torna necessário que moldemos os comportamentos, para que exista sempre o respeito e a consciência de que todos têm o direito, independentemente de ser mulher ou homem, de ter as suas preferências, suas formas de agir e ser, de acordo com o que acham mais adequado, e que estereótipo nenhum deve ser capaz de atrapalhar.

A sociedade está tão doutrinada em seus modelos culturais que se mantém desde a antiguidade, que continuam a perpetuar essas imagens prontas de meninas e meninos em uma tentativa de moldar essas crianças seus modos de agir, pensar e se expressar, como traz os autores:

O corpo é alvo das práticas disciplinares. Há um aparato instrumental e institucional que busca constantemente discipliná-lo quando busca fugir e escapar, seja por meio de mecanismos repressivos, seja por um discurso que impõe às crianças uma imagem estigmatizada de si mesmas (Sugundo Fragella, 2000, p. 201-234, apud VIANNA e FINCO, 2009, p. 268 e 269)

A Educação Infantil vem, então, com um papel insubstituível de desconstruir esses estereótipos, que estão presentes há tantos anos e são perpetuados até os dias de hoje em nossa sociedade, enquanto as crianças ainda estão em formação. Para que, com esse processo, possamos tornar a escola um ambiente democrático e respeitoso, no qual criaremos um futuro novo, com novas formas de pensar e agir, melhorando sempre e, por meio do conhecimento, enaltecendo a importância da igualdade entre os gêneros.

Capítulo 3. Falas e discursos sobre o feminino na Educação Infantil

A metodologia utilizada para a coleta das frases e discursos dirigidos às crianças, especialmente às meninas, foi a dinâmica conversacional, baseada em uma abordagem de pesquisa qualitativa (FERNANDO REY, 2005). Esse procedimento de investigação também se deu por meio da observação participante em sala de aula, em que me mantive todo tempo escutando, anotando e intervindo.

3.1 Metodologia

No segundo semestre de 2018, entre agosto e novembro, foram iniciadas as observações e registros em sala de aula para a elaboração do Ensaio, acompanhando uma professora diariamente e anotando discursos das demais em outras ocasiões, dentro da escola. Essa observação forneceu frases, as quais já havíamos presenciado durante as trajetórias escolares e de docentes nas escolas.

A escola onde a pesquisa foi realizada é particular e atende crianças desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A escola tem uma boa estrutura física e muitos materiais à disposição, o que facilita muito o trabalho, por ter disponível diversos recursos visuais.

A sala onde a maior parte da pesquisa e da coleta das frases com as crianças foi feita foi a de Jardim 2. O grupo era composto por vinte crianças, que tinham a faixa etária entre cinco e seis anos, sendo treze meninos e sete meninas. A maioria das crianças era de classe média alta. Também foi feita uma observação em uma sala de aula de Jardim 1, com dezoito crianças, sendo nove meninas e nove meninos.

As professoras que participaram da pesquisa faziam parte do espaço escolar acompanhado. Elas possuem formação em Pedagogia ou Letras Inglês, com complementação pedagógica, e todas trabalhavam há mais de dois anos na escola.

A primeira professora que foi entrevistada é formada em Letras Inglês, tem vinte e nove anos, fez complementação pedagógica e trabalha na escola há três anos, mas atua na área de educação há dez. A segunda professora tem trinta e cinco anos, trabalha na escola há dez anos, é formada em Pedagogia e teve outra experiência, de dois anos, com Educação Infantil. A terceira professora tem trinta e oito anos, trabalha na escola há oito, é formada em Letras Inglês, fez complementação pedagógica e trabalhou, anteriormente, por cinco anos na Educação Infantil. A última professora entrevistada tem quarenta anos, trabalha na escola há quatro anos, trabalhou com Educação Infantil anteriormente por dez anos e é formada em Pedagogia.

3.2. Dos discursos e dos estereótipos

Desde pequenas, nós, mulheres, fomos acostumadas a escutar que certas coisas e certos ambientes eram de exclusividade masculina, e que é normal, e até mesmo mais sensato, meninas se sentirem como seres mais delicados, frágeis e que necessitam de ajuda e suporte.

Turin (1995), em seu livro, traz essa concepção das construções e características atribuídas desde a infância até o fim da vida às mulheres. A partir do que foi registrado e da leitura dessa e de outras autoras e autores, os discursos destacados foram organizados nos tópicos que seguem. Eles foram categorizados, sob uma mesma ótica, para comprovar, ainda hoje, a existência do fenômeno de perpetuação de estereótipos, em diálogo com o livro de Adela Turin, conforme segue:

3.2.1. “Meninas de vidro”

Características de fragilidade são sempre facilmente atribuídas a seres humanos do sexo feminino, desde a infância até a idade adulta. Dessa forma, é com motivo que a expressão “sexo frágil” é atribuída ao sexo feminino. Encontramo-nos em um contexto social em que essa imagem perdura por milhares de anos, e que, com discursos como esses, a seguir, sendo reforçados, esses se tornam os principais contribuintes para a perpetuação dessa imagem.

- “Menina não brinca de lutinha” (aluno, 4 anos).

No momento em que observei essa frase, estava trocando algumas crianças para irem à aula de Judô e uma das crianças comentou que havia uma garota nova na aula. Um deles surgiu, então, com a afirmação de que a “lutinha”, que eles praticavam na aula, era algo extremamente fora da atmosfera feminina, e que, para ele, aquilo era apenas para meninos.

- “Não é legal ver menina correndo” (aluno, 6 anos).

Um aluno estava brincando no parque com os colegas e, de repente, enxerga uma colega que corre mais rápido que ele e os amigos. Logo, ele comenta, com seu outro colega, que não é legal ver menina correndo.

- “Menina não pode ter músculos” (aluna, 5 anos).

Estávamos em uma mesa fazendo uma atividade, quando reparei que, no desenho de uma aluna, ela colocou todas as meninas com braços e pernas bem pequenos e finos e os dos meninos

com músculos bem maiores. Perguntei a ela o porquê de tal representação e ela logo me disse que assiste vários programas na televisão e que as meninas bonitas eram assim: que “menina não pode ter músculos”.

- “Menina não pode pegar em cobra” (aluna, 5 anos).

No mesmo momento em que presenciei a frase anterior, resolvi perguntar a essa mesma aluna o que mais as meninas não podem fazer, e, sem pensar muito, ela logo me respondeu que “meninas não podem pegar em cobras”.

- “As meninas são mais leves, então elas não podem fazer coisa radicais de meninos.” (aluna, 6 anos).

No momento da frase anterior, uma aluna, que estava na mesma mesa, escutando tudo o que a colega estava falando, completou dizendo que ela também sabia de coisas que as meninas não podiam fazer, pois, no final de semana, seu pai havia lhe dito que ela não poderia fazer a mesma brincadeira que o irmão porque ela era muito leve e que era melhor ficar longe “dessas coisas radicais de meninos”.

- “Você não pode brincar! Porque você não aguenta” (aluno, 5 anos).

No dia do brinquedo, um dia típico em muitas escolas, as crianças levam seus brinquedos favoritos para a escola e podem brincar com eles durante o intervalo. Em um desses dias, um aluno levou uma bola. Ele e os seus amigos, todos meninos, estavam brincando de jogá-la e depois correr para que, quem pegasse a bola primeiro, fosse o vencedor. Uma de minhas alunas pediu para se juntar à brincadeira, mas a resposta unanime foi que “não”. Uma criança, em especial, ainda completou dizendo que o motivo era que “ela não aguentaria” a brincadeira.

Cada uma dessas frases vem com um significado muito maior do que somente atribuir uma característica frágil às mulheres ou privá-las de certos momentos e atividades. São afirmações que se repetem no dia a dia da escola, das famílias e, ainda, ratificado nos livros que estão à disposição das crianças na escola. Turin (1995) consegue discutir esse ponto da seguinte forma:

a semejanza de la mujer, la niña es frecuentemente presentada en los libros como víctima. Víctima social cuyo porvenir, ya trazado, se reduce al encierro en una casa y a los trabajos doméstico, y también víctima física: a menudo las niñas sufren en los libros castigos severos y accidentes graves y hasta mortales. (TURIN, 1995, p.47)

Discursos e estereótipos que atribuem as meninas à incapacidade, para moldá-las a continuar no mesmo padrão social imposto no decorrer dos anos, para que elas não saiam do seu lugar de submissão.

3.2.2. “Meninas princesas”

Quantas vezes, durante a infância, não temos aquele momento em que todos querem que as meninas sejam as “princesinhas” da casa, a “menininha” que brinca de bonecas, que arruma a “casinha”? Ou a adolescente que se arruma, gosta de maquiagem e está sempre magrinha? E, mais tarde, se torna a adulta que sofre por não ter mais o mesmo corpo e a idosa que faz *botox*, porque não aceita a idade? As mulheres foram aprisionadas em imagens que a sociedade quer ver e encontrar e não à imagem que elas mesmas buscam. Turin traz essa ideia, relatando que “princesas prisioneras en la torre del castillo, jóvenes que esperan el gran amor, niñas taciturnas, madres pensativas y melancólicas, contemplan la actividad de fuera sin abandonar su espacio propio, el interior de la casa” (TURIN, 1995, p.14).

Inúmeras dessas construções que carregamos durante toda a vida são iniciadas ainda na infância, quando encorajamos as meninas a se arrumarem e os meninos a serem espertos, por exemplo. Diversas dessas frases são ditas além da sala de aula, mas, em todo o meu contexto social, até mesmo mulheres criticam umas as outras pela falta de “perfeição” criada por uma sociedade capitalista que necessita dessa escravidão.

- “Menina bonita não chora” (professora do Jardim I).

Conversando com uma professora, na sala dos professores, contando sobre o meu tema, ela me contou que, quando trabalhava em uma outra escola, escutou uma colega dizendo essa frase para uma criança de sete anos.

- “Senta que nem mocinha” (professora do 1º ano do Ensino Fundamental).

Dentre as professoras que conversei, três delas contaram já terem ouvido essa frase, tanto atuando na profissão como quando eram crianças (de seus pais, avós ou professoras e professores).

- “Menina não pode sentar de perna aberta” (professora do Jardim I).

Na mesma conversa da frase anterior, outra professora completou que ainda tinham aquelas pessoas que especificavam mais detalhadamente “como menina deve sentar”.

- “Menina não grita” (professora do Jardim I).

Em uma outra conversa com uma professora do Jardim I, ela me relatou que, há alguns anos, ela estava trabalhando e presenciou uma colega de trabalho chamar a atenção de uma menina, porque ela gritava demais e que isso não era “coisa de menina”.

- “Onde já se viu menina falar palavrão?” (professora do Jardim I).

Essa foi outra frase que a maioria das professoras com quem conversei relataram que já ouviram, tanto dentro de sala de aula, com professores falando, como dentro de suas casas. Uma delas contou que um pai de uma criança, em uma reunião de pais, repreendeu a filha que falava

“palavrão”, explicando a ela o quão inadequado era aquilo vindo de uma menina, e deixando o filho, o menino mais velho, continuar falando as palavras que eram designadas como inadequadas para a menina durante a reunião, sem que ele sofresse a menor repreensão dos pais.

Nesse contexto, em que encontramos meninas fadadas a corresponderem às expectativas de terceiros, vemo-nos apegadas à ideia de que precisamos sempre de algo ou de alguém, e que só o fato de ser mulher não é, mais uma vez, suficiente. Como traz Turin, nesse trecho de uma história infantil: “La princesa se ve obligada a pedir al príncipe Andrés que la salve y los dos se ponen en camino (ella con su espejo de oro en la mano) para afrontar al impresionante monstruo de tres cabezas” (TURIN, 1995, p.79).

Nos encontramos, então, novamente, nessa posição de impotência, em que sermos nós mesmas e termos as nossas forças individuais não é suficiente para que alcancemos as vitórias da vida e nem de vencermos desafios.

3.2.3. “Meninas alunas”

No ambiente escolar, não diferente dos demais lugares, existem, sim, muitos estereótipos acerca das meninas. Sendo assim, é, nessa fase, que mais identificamos o quanto esses significados são vividos na nossa sociedade, pois a criança chega na sala de aula com valores e ideias adquiridos em casa e, quando presenciamos discursos como esses na escola, temos a prova de que eles se repetem do lado de fora.

- “Tem que manter as meninas separadas, porque juntas elas fofocam demais” (professora do Jardim I).

Conversando com a professora, ela relatou que várias vezes escutou essa frase, quando ela mesma estudava e nas escolas em que trabalhou. Assim que ingressou na primeira escola, já ouviu, como recomendação de uma professora mais antiga, que deixasse “sempre as meninas separadas, porque juntas elas fofocam demais”.

- “Essa mochila tá muito bagunçada! Isso não é coisa de menina” (professora do Jardim II).
- “Isso nem parece caderno de moça” (professora do Jardim II).
- “Isso é só ‘frescurinha’ de menina” (professor do Jardim I).

Quando estamos inseridos em sala de aula, principalmente no papel de professora, temos o dever de intervir em qualquer situação que uma criança seja coagida ou humilhada. Isso não é diferente quando se trata de discursos sexistas, como traz Turin: “*Un símbolo contundente: la*

ventana, habla a los niños de la pasividad de la mujer y de la niña en su papel de espectadoras de la actividad y de la creatividad masculinas” (TURIN, 1995, p.14).

O nosso dever, então, é mostrar também o protagonismo de mulheres em diversos setores e, assim, na prática, tentar ajudar a sociedade na mudança dessa mentalidade: de que a mulher vive de forma secundária na vida de um homem e em sua sombra, principalmente na sala de aula, para que possamos aproveitar as potencialidades de todos para fazer um futuro melhor.

3.2.4. “Meninas mulheres”

Todas as frases coletadas são muito mais do que apenas isso: muitas vezes deixamos ocasiões em que presenciamos esses discursos de lado, sem corrigi-los ou darmos a sua devida importância. Dessa forma, o problema se instaura exatamente, pois não são somente crianças falando, são o espelho de toda uma sociedade construída sobre imagens como essas.

Essas imagens, quando levadas para a vida adulta, refletem nos comportamentos de todos que estão à volta de uma mulher. Quando se cria, também, uma criança, enquanto acredita nesses discursos, se cria também pessoas que legitimam atitudes contra a mulher, que acreditam que elas tem um lugar inferior, que elas devem, sim, “se dar ao respeito” mais que qualquer pessoa e que elas devem ser sempre meninas, e não mulheres.

- “Futebol não é coisa de menina” (aluno, 5 anos).

Na escola acompanhada, na aula de Educação Física, a professora solicitou que as crianças se organizassem em dois times para que eles jogassem futebol. Rapidamente, um aluno trouxe a seguinte frase: de que futebol não era coisa de menina e que, por isso, elas não poderiam jogar no time dele.

- “Ele te enche o saco porque gosta de você” (professora do Jardim II).

A professora do Jardim II, quando perguntei sobre os discursos que ela já havia escutado em relação às meninas, trouxe essa frase, que, segundo ela, presenciou uma professora explicando para uma aluna que o coleguinha “enchia o seu saco” porque ele gostava muito dela.

Depois disso, fica perfeitamente entendível o porquê de ter tantos feminicídios na nossa sociedade e no nosso País. Uma vez que, em uma escola onde já crescemos escutando a fala de que “tudo bem ele te maltratar, já que ele gosta de você”, vemos de onde vem a legitimidade e a força daqueles que tem atitudes tão cruéis contra as mulheres e a falta da força de muitas de nós de reagirmos em frente a essas situações.

- “Menino é bem melhor que menina no futebol, porque nós somos mais fortes” (aluno, 7 anos).

Na mesma aula de Educação Física, em que um aluno trouxe a frase de que “futebol não é coisa de menina”, outro aluno ainda completou a frase do colega dizendo que as meninas não poderiam jogar, porque eles são bem mais fortes e melhores em futebol que elas.

- “Ontem fui escalar com a minha família, mas menina não pode ir, isso é coisa só de menino” (aluno, 5 anos).

Estávamos no momento da roda inicial da aula, em que as crianças trazem experiências que tiveram em suas casas, no dia anterior ou no final de semana. Uma delas, então, contou que tinha ido a uma aula de escalada com o pai e o irmão. Logo, a professora da sala se interessou pela atividade e perguntou para ele se ela poderia ir, mas a criança respondeu que não, pois escalada era coisa só de menino.

Tais frases impedem as mulheres de crescerem e de transcenderem, permitindo que muitas passem por situações em suas vidas apenas pelo conformismo de acreditar que aquilo que ela tem é o máximo que ela pode alcançar. Sendo assim, essas palavras conseguem limitá-las, muitas vezes, à mediocridade, para alimentar uma sociedade insaciável de sua miséria. Como trazem Labrín e Urrutia:

Recientemente, y em la dirección opuesta a la hostilidad tradicional, se han identificado una serie de rasgos estereotípicos calificados como positivos asociados a las mujeres, los cuales tienden, al acentuar las virtudes emotivas de éstas, a aminorar sus competencias, dando lugar a un “sexismo benévolo” (Jost & Kay, 2005). Este fenómeno de “sexismo benévolo” actúa como un esquema de justificación de las desigualdades. (LABRÍN y URRUTIA, 2013, p.554)

Muitas mulheres que tentam sair desse conformismo acabam sendo punidas por essa lógica tão cruel, para que esse modelo tão importante seja mantido. Isso acontece desde os livros infantis até o nosso rotineiro cotidiano, como traz Turin: “*Aparecen aún, en los libros infantiles, niñas que mueren, aunque ya no víctimas de su fragilidad sino, al contrario, castigadas por su originalidad, su fuerza, su coraje, su talento o su anticonformismo*” (TURIN, 1995, p.75).

Estamos tão acostumados a ver meninas fazendo balé e meninos jogando futebol (ou qualquer esporte e atividade mais agitada) que essas atividades já vêm carregadas de significados, em relação ao gênero, e que acabam nos habituando (e até mesmo as crianças) a isso, permitindo que meninos e meninas já façam essas associações. Mas, se realmente começarmos a enxergar onde se encontram essas problemáticas, seremos capazes de mudar não só nós mesmos, mas toda uma sociedade e, principalmente, as escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou evidenciar a forma como o feminino (o “ser menina”) é tratado na Educação Infantil. As dificuldades e desafios enfrentados diariamente por todas as mulheres, em sala de aula, como os valores e ensinamentos trazidos de suas casas afetam o ambiente escolar e a importância dos educadores nessa etapa, por serem aqueles que, cotidianamente, enfrentam essas situações problemáticas. Buscou também expor diversos estereótipos existentes e como foram construídos ao longo de toda a história em torno da imagem da mulher: desde a sua primeira inserção no mercado de trabalho até os dias atuais, com as meninas em sala de aula.

A maior limitação dessa pesquisa foi, principalmente, a falta de tempo para uma investigação mais rigorosa e uma análise detida, pois, se esse período fosse prolongado, poderíamos ter mais discursos e frases para avaliarmos a problemática, comprovando e agregando ainda mais a este trabalho e nos aprofundando em todos esses assuntos.

As estratégias utilizadas nesse trabalho foram: as pesquisas acerca do assunto que expandiram os meus conhecimentos sobre o que poderia encontrar na escola; e minhas observações em sala de aula, que possibilitaram a vivência real do cotidiano de crianças na Educação Infantil, acompanhando-os diariamente, durante a rotina de sala de aula e os diálogos estabelecidos com as professoras, que, por estarem inseridas a mais tempo na profissão, carregam uma imensa bagagem de discursos propagados ao longo de suas caminhadas.

É possível afirmar que a forma com que a história da mulher foi mostrada e contada ao longo dos anos influencia diretamente as relações com os estereótipos atuais e que essas imagens perduraram e se evidenciam ainda atualmente em toda a sociedade, inclusive na sala de aula, com crianças da Educação Infantil.

Nessa etapa, é de extrema importância a tentativa de desconstrução desses estereótipos, pois é, nessa idade, especificamente, que as crianças estão em maior fase de formação de suas identidades, as quais refletirão na forma com que elas agirão na fase adulta.

Por isso, consideramos que, com o devido monitoramento das atividades propostas em sala de aula e uma escuta atenta e sensível aos discursos infantis, docentes e familiares, é possível reverter alguns estereótipos e, por meio de esclarecimentos e exemplos, de forma lúdica, obter a compreensão das crianças acerca do assunto e da importância da desconstrução desses. Dessa forma, ainda que seja a longo prazo, podemos construir uma sociedade menos

violenta para com a mulher, que sofre violências diárias em suas próprias casas e que, no momento em que estou escrevendo esse trabalho e que estamos lendo-o, existe uma de nós morrendo em algum lugar do nosso país, vítima do feminicídio que a própria sociedade permite acontecer.

Portanto, os dados parecem confirmar que, apesar de já terem se passado muitos anos da época em que a maioria das mulheres não eram autônomas, ainda hoje existem pessoas que buscam disseminar essa ideia, para benefício da manutenção desse modelo de sociedade patriarcal, no qual estamos inseridos (seja de forma consciente ou não). Como mulheres que buscam essa liberdade e emancipação, atualmente, ainda sofremos com construções tão antigas, que chegam a atingir até mesmo as meninas na Educação Infantil. Nosso comprometimento docente é esclarecer e lutar para que todas as meninas e meninos compreendam o verdadeiro lugar do feminino no discurso social.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Os meus planos, desde criança, para o futuro sempre foram muito claros: quero fazer a diferença onde quer que eu vá e trabalhe. Quero acrescentar algo positivo à vida das pessoas e, com isso, também crescer e aprender, cada vez mais, com o intercâmbio de conhecimentos que a sala de aula proporciona.

Pretendo trabalhar em escolas, com Educação Infantil, desenvolver projetos sociais e, quem sabe um dia, desenvolver projetos de políticas públicas para a mudança da situação cotidiana da vida das crianças do nosso país.

Gostaria também de me especializar na área de Educação Infantil transformadora, por meio de um mestrado e outras pós-graduações.

Porém, o meu maior objetivo com a profissão de professora é ajudar a todos que buscam, na educação, uma saída, uma forma de expressarem a sua voz, a serem ouvidos, compreendidos e a se libertarem por meio do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. *Patriarcalismo e o feminismo: Uma retrospectiva histórica*. Revista Ártemis, vol. 1, dez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *A educação infantil nos países do MERCOSUL: análise comparativa da legislação*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2013. p. 132.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CANAZART, Karine Camilo; SOUZA, Oziel de. *Estereótipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da literatura infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI*. Belo Horizonte: Revista formação docente, v. 9, n.1, jan/jun, 2017.

COLLING, Ana. *A construção histórica do feminino e do masculino*. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa, PREHN, Denise Rodrigues (orgs.) *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DESIGUALDADE DE GÊNERO, EDUCABRAS, 2018, disponível em <https://www.educabras.com/enem/materia/sociologia/aulas/desigualdade_de_genero>, acesso em 30 de Outubro de 2018.

DINIZ, M. *Estereótipo na mídia: doxa ou ruptura*. 3º Jornada multidisciplinar O Futuro: continuidade/ruptura, Unesp/Bauru, 2000. p.137-145.

ESTEREÓTIPO. Dicionário online Michaelis, 2019, disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estereotipo/>, acesso dia 20 de Fevereiro de 2019.

LABRÍN, Soledad M.; URRUTIA, Bruno B. *Los estereótipos em la comprensión de las desigualdades de género em educación, desde la Psicología Feminista*. Chile: Universidade del Bio-Bio, Chillán/Ñuble, 2013.

KUHLMANN, Moysés. *Histórias da educação infantil brasileira*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, Mai/jun/jul/ago, 2000.

REY, Fernando González. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios. Thomson, 2002.

SARDENBERG, Cecília M. B.; COSTA, Ana Alice A. *Feminismos, feministas e movimentos sociais*. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara. Cidade: Ed. Loyola, 1994.

TURIN, Adela. *Los cuentos siguen contando: algunas reflexiones sobre los estereótipos*. Madrid: Horas y Horas, 1995.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. *Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder*. Cadernos pagu, n.33. Campinas: jul/dez, 2009. , p. 265-283.